

## ***LOSING FACE TO KEEP LIFE: ESTRATÉGIAS DE NEGOCIAÇÃO DA SUBJECTIVIDADE***

### **LOSING FACE TO KEEP LIFE: STRATEGIES FOR THE NEGOTIATION OF SUBJECTIVITY**

*Miguel Ângelo Rodrigues FERNANDES\**

**Resumo:** Em tempos de grandes dinâmicas transformacionais, que afectam os relacionamentos interpessoais, o aspecto performativo da linguagem assume-se como questão crucial. Por intermédio de considerações dos modos relacionais estabelecidos entre personagens do romance *The Hobbit*, de J. R. R. Tolkien, mostrar-se-á que as questões de face ou de projecção da subjectividade são determinantes para a vida.

**Palavras-chave:** Análise Crítica do Discurso; Mediação linguística da subjectividade; Sistemas de face.

**Abstract:** In times of great transformations, which impact interpersonal relationships, the performative aspect of language imposes itself as a fundamental matter. Through considerations about the relational modes established between characters of *The Hobbit*, by J. R. R. Tolkien, it will be demonstrated that issues of face or of projection of subjectivity are fundamental to life.

**Keywords:** Critical Discourse Analysis; Linguistic mediation of subjectivity; Face systems .

“Tudo flui”, terá dito o pré-socrático Heráclito. Talvez neste período tardio da história, mais do que nunca, as palavras do filósofo projectem um significado muito particular. A hiper-velocidade das mudanças globais que caracterizaram as últimas décadas e que continuam actualmente a ter profunda expressão, a reboque do desenvolvimento tecnológico provocado sobretudo pelas sociedades ocidentais, gerou um ímpeto e uma dinâmica transformacionais a que nenhuma cultura ou civilização actual pode ficar indiferente. Consequentemente, ser humano é actualmente muito diferente do modo histórico-tradicional de construir, fundar e justificar a experiência da humanidade. Essa diferenciação pode bem ser vista

---

\* Doutorando em Ciências da Cultura na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Contato: [poragora@gmail.com](mailto:poragora@gmail.com).

numa perspectiva dualista oposicional: sociedade tradicional vs. sociedade pós-tradicional (GIDDENS, 2000); modernismo vs. pós-modernismo (CEIA, 1998); subjectividade vs. alteridade (EAKIN, 1999). O que se destaca de tudo isso é o facto de estarem as culturas humanas a viver um particular momento de extrema mudança e transformação.

Uma das áreas em que tal ímpeto tranformacional, com possíveis nexos potenciadores de conflituosidade, se torna mais evidente é precisamente o das relações entre as pessoas. Isso tem implicações inclusivamente no âmbito da maior proximidade entre pessoas que há apenas algumas décadas, por razões sobretudo geográficas mas também étnicas, raciais, de género ou de cultura, na prática se ignoravam mutuamente. Daí que se fale de “uma cultura produzida, não por uma elite social e intelectual, mas por *toda a gente*, sem fronteiras nacionais ou de classe. [...] Agora é todo o planeta, todas as origens, todas as cores, sexos, classes e idades que constituem o público” (LIPOVETSKY; SERROY, 2010, p. 88). É daí que nasce o relativamente recente conceito a que se chamou globalização. Nas acertadas palavras de Baraldi (2006, p. 54): “Globalização é um processo criador de interdependência entre as sociedades e culturas que foram separadas, anteriormente”<sup>1</sup>. Baraldi reconhece que esse processo é altamente complexo, identificando correctamente

a conexão problemática entre a inovação cultural e a preservação das tradições culturais. A globalização significa abertura à mudança cultural e cria novas oportunidades para o diálogo, mas também ameaça a sobrevivência de tradições culturais. Pelo contrário, a não abertura à contaminação cultural mantém a pluralidade de culturas, mas evita qualquer diálogo significativo entre elas. Tanto a abertura quanto a não abertura criam o valor de diversidade, mas, ao mesmo tempo ameaçam a fonte de diversidade (BARALDI, 2006, p. 54)<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Tradução do original: “Globalization is a process creating interdependence among societies and cultures that were previously separated.” (BARALDI, 2006, p. 54).

<sup>2</sup> Tradução do original: “the problematic connection between cultural innovation and the conservation of cultural traditions. Globalization means openness to cultural change and creates new opportunities for dialogue, but it also threatens the survival of cultural traditions. On the contrary, closure to cultural contamination maintains the plurality of cultures, but it prevents any meaningful dialogue among them. Both openness and closure create the value of diversity but at the same time they threaten the source of diversity” (BARALDI, 2006, p. 54).

Nesse sentido, é bem adequada a leitura que Giddens faz da inclusividade cultural da contemporaneidade e da imposição, mais ou menos manifesta, que esta pressupõe: “Existem poucas pessoas, em qualquer parte do mundo, que ainda permaneçam desconhecedoras do facto de que as suas actividades locais serem influenciadas e, por vezes mesmo determinadas, por agentes ou agências remotas” [sic]” (GIDDENS, 2000, p. 54).

No contexto de um referencial histórico anterior ao da globalização – anterior mesmo ao das grandes viagens marítimas do século XVI –, as pessoas, de modo geral, não somente se ignoravam umas às outras, ignorando também os modos diversos, culturalmente determinados e concretos de compreender e representar a realidade. Esses modos de compreensão e de representação constituem o princípio da determinação do real, podendo ser resumidos numa só palavra: mundividência. Uma certa visão, por meio da elaboração subordinada a um princípio de homogeneidade e congruência, enforma o modo como se encara o universo, o que inclui também o outro. As mundividências encontram-se, umas relativamente às outras, em posição de confronto. Naturalmente, algumas visões do mundo assumem face a outras posicionamentos antagônicos mais ou menos declarados, mas, de modo geral, subsistem nessa relação de antagonismo mútuo.

Assim, sem considerar as transformações, potenciadoras de conflito, determinadas pela multiculturalidade globalizada, mesmo num contexto de homogeneidade cultural, linguística ou de um qualquer outro factor específico, é necessário que cada indivíduo negocie o seu espaço, o espaço dos outros e todas as dinâmicas que possam vir a ser estabelecidas entre eles. Essa negociação pode bem ser entendida como necessidade derivada de ou expressão de conflito. Quanto à questão imperiosa da conflituosidade, podemos considerar, como faz Gronn (1986), três tipos de conflito: manifesto, encoberto e latente. O primeiro corresponde a situações em que os actores individuais, grupos ou coligações exprimem abertamente os seus interesses relativamente a uma política ou decisão concreta. Nestes casos, o conflito desenvolve-se nas arenas formais das instituições. Na maior parte dos contextos organizacionais, o conflito encoberto é o mais frequente. Este tipo de conflito ocorre quando os actores têm

interesses que se opõem aos interesses de outros actores, tendo a arena não formal (os bastidores) como espaço preferencial para o seu desenvolvimento. O conflito latente ocorre quando actores individuais ou o grupo manifestam um mal estar geral expresso em atitudes de hostilidade, desinvestimento ou alienação. O conflito está, como o termo indica, latente nestas atitudes e pode evoluir para conflito encoberto ou manifesto em função de eventos específicos. É de certo modo a ideia de conflito que ressalta das palavras de Hatim (1997, p. 157), que reflectem o entrecruzamento das noções de mudança cultural, interculturalidade relacional e conflito:

é só quando estão em contacto, na verdade, utilizando textos, que povos de diferentes culturas podem aceder-se e compreender-se correctamente. Na situação lamentável mas não incomum de mal-entendidos interculturais, que muitas vezes resultam numa ou de uma falha de comunicação, o que está na raiz do problema é, invariavelmente, um conjunto de equívocos por parte de um grupo sobre como a outra parte visualiza e linguisticamente percebe uma variedade de objectivos comunicativos. Tais noções seriam então apresentadas como truísmos sobre a natureza da linguagem dos que estão do outro lado, das suas normas textuais e da sua tradição retórica<sup>3</sup>.

No âmbito dessa negociação dos relacionamentos interpessoais, há uma dimensão fundamental que não pode ser descurada, a saber, a da comunicação. Como afirmam Duck & McMahan, “A comunicação não somente descreve o mundo como também o estabelece de maneira particular, realizando interacções de uma maneira particular e dirigindo o modo como lidamos com as

---

<sup>3</sup> Tradução do original: “it is only when they are in contact, actually using texts, that peoples from different cultures can reach and understand one another properly. In the regrettable but not uncommon situation of cross-cultural misunderstandings, which often result in or from a breakdown in communication, what is at the root of the problem is invariably a set of misconceptions held by one party about how the other rhetorically visualizes and linguistically realizes a variety of communicative objectives. Such notions would then be paraded as truisms about the nature of the language of those on the other side, its textual norms and its rhetorical tradition” (HATIM, 1997, p. 157).

outras pessoas”<sup>4</sup> (DUCK; McMAHAN, 2009, p. 8). Desta afirmação, em primeiro lugar, destaca-se a natureza performativa da linguagem, noção para que os trabalhos de Austin e Searle contribuíram de forma determinante. Diz o primeiro destes autores que há “ao dizer algo, levamos em conta um grupo de coisas que, juntas, resumimos e dizemos que realizamos um acto locutório [...]. Em segundo lugar, dizemos que realizamos actos ilocutórios [...]. Em terceiro lugar, nós podemos também criar actos perlocutórios”<sup>5</sup> (AUSTIN, 196, p. 109, grifos no original). Por sua vez, Searle afirma que “falar uma língua é expressar-se por meio de actos de fala tais como fazer afirmações, dar ordens, fazer perguntas e promessas e por aí fora” (SEARLE, 1969, p. 16)<sup>6</sup>. De um modo mais geral, “a teoria da linguagem é parte de uma teoria da acção, simplesmente porque falar é uma forma de comportamento baseada em regras”<sup>7</sup> (SEARLE, 1969, p. 17). Se é correcto afirmar que há utilizações do discurso que por si só criam a realidade, é preciso considerar que mesmo as proposições analisáveis sobretudo em termos do seu valor de verdade, os actos constativos, são, nas palavras de Carlos Gouveia (1992, p. 40 – o destaque provém do original),

enunciados performativos primários que realizam acções, independentemente de estas estarem ou não explícitas na estrutura do enunciado. Dizer, asseverar, afirmar, constatar, asserter, ou declarar, são acções em tudo semelhantes a prometer, baptizar, ordenar, casar, ou outras. Todos estes tipos de acções são acções realizadas por meio da fala: são *actos de fala*.

---

<sup>4</sup> Tradução do original: “communication not only describes the world but also sets it up in a particular way, makes interactions happen in a particular form, and directs how we deal with other people” (DUCK; McMAHAN, 2009, p. 8).

<sup>5</sup> Tradução do original: “a group of things we do in saying something, which together we summed up by saying we perform a *locutionary act* [...]. Secondly, we said that we also perform illocutionary acts [...]. Thirdly, we may also perform *perlocutionary acts*” (AUSTIN, 196, p. 109).

<sup>6</sup> Tradução do original: “speaking a language is performing speech acts, acts such as making statements, giving commands, asking questions, making promises, and so on” (SEARLE, 1969, p. 16).

<sup>7</sup> Tradução do original: “a theory of language is part of a theory of action, simply because speaking is a rule-governed form of behavior” (SEARLE, 1969, p. 17).

Searle ainda sugeriu a subdivisão dos actos de fala performativos em cinco diferentes categorias (SEARLE, 1979), o que revela bem a relevância da questão da performatividade comunicativa. Teun A. van Dijk reitera a ideia da performatividade do discurso, quando, à guisa de conclusão, afirma que: “o discurso é também acção é um princípio base da análise crítica do discurso contemporânea”<sup>8</sup> (1997, p. 34). São, por isso, acertadas as palavras de Blackledge, quando afirma que “discurso é constituído por, e constitutivo de, práticas sociais”<sup>9</sup> (2005, p. 59). As práticas sociais que os discursos integram e definem podem bem ser vistas, na lógica da performatividade dos actos comunicacionais, como jogos de linguagem, facto para o qual já Wittgenstein (1987, p. 189-190) tinha chamado a atenção:

A expressão *jogo de linguagem* deve aqui realçar o facto de que falar uma língua é uma parte de uma actividade ou de uma forma de vida. Visualiza a multiplicidade dos jogos de linguagem nestes exemplos e em outros:

Dar ordens e agir de acordo com elas –  
Descrever um objecto a partir do seu aspecto ou das suas medidas –  
Construir um objecto a partir de uma descrição (desenho) –  
Relatar um acontecimento –  
Fazer conjecturas sobre o acontecimento –  
Formar e examinar uma hipótese –  
Representação dos resultados de uma experiência através de tabelas e diagramas –  
Inventar uma história; lê-la –  
Representação teatral –  
Cantar numa roda –  
Resolver adivinhas –  
Fazer uma piada; contá-la –  
Resolver um problema de aritmética aplicada –  
Traduzir de uma língua para outra –  
Pedir, agradecer, praguejar, cumprimentar, rezar.

---

<sup>8</sup> Tradução do original: “That discourse is also action is a standard principle of contemporary discourse studies” (DIJK, 1997, p. 34).

<sup>9</sup> Tradução do original: “discourse is constituted by, and constitutive of, social practices” (BLACKLEDGE, 2005, p. 59).

Em segundo lugar, a questão da centralidade da comunicação implica que se considere a ideia de que cada indivíduo procura meios de se projectar nas suas relações com o outro e de confirmar/rejeitar as projecções que recebe dos outros, o que encontra expressão formal ao nível linguístico do discurso. Neste sentido, Duck & McMahan, no âmbito da sua abrangente definição de comunicação, consideram vital o termo “Relacional (toda a comunicação é baseada nas relações interpessoais desenvolvidas linguisticamente)”<sup>10</sup>(DUCK; McMAHAN, 2009, p. 19). Também Scollon & Scollon destacam a importância vital da “identidade interpessoal dos indivíduos intervenientes no processo de comunicação”<sup>11</sup> (SCOLLON; SCOLLON, 1995, p. 44). Essa ideia pode ser levada mais longe, no sentido em que o auto-discurso da voz interior pode bem ser entendido como uma instância relacional: o ego projectando-se a si mesmo e relacionando-se consigo próprio. A relação subjectividade/alteridade, no entanto, é o elemento crítico central para as considerações de Duck & McMahan, porquanto dizem estes autores:

Sempre que conversamos com alguém, seja da sua cultura ou de outra, tomamos o conhecimento por garantido, agindo de acordo com as nossas expectativas culturais e tratando as pessoas de modos reconhecíveis nessa cultura. Fazemos, representamos e desempenhamos a nossa cultura através da comunicação; não conversamos aleatoriamente mas de acordo com as relações interpessoais reconhecidas na nossa cultura (DUCK; McMAHAN, 2009, p. 5).<sup>12</sup>

É por isso que faz sentido invocar “o que torna um enunciado apropriado num dado contexto social e não noutro”<sup>13</sup> (BOWE;

---

<sup>10</sup>Tradução do original: “Relational (all communication is speaking into relationships)” (DUCK; McMAHAN, 2009, p. 19).

<sup>11</sup> Consta no original: “interpersonal identity of the individuals in communication” (SCOLLON; SCOLLON, 1995, p. 44).

<sup>12</sup> Tradução de: “Each time you talk to someone, from your culture or another, you are taking knowledge for granted, doing what your culture expects, and treating people in ways the culture acknowledges. You are doing, performing, and enacting your culture through communication; you are speaking not just into the air but into the relationships recognized by your culture” (DUCK; McMAHAN, 2009, p. 5).

<sup>13</sup> Tradução de: “what makes an utterance appropriate in a given social context but not in another” (BOWE; MARTIN, 2007, p. 26).

MARTIN, 2007, p. 26). Desenvolvendo mais a ideia de propriedade comunicacional, ou de preenchimento de condições de felicidade, no contexto da interpessoalidade, Bowe & Martin (2007, p. 27) citam questões relacionadas com regras de etiqueta e concluem:

Um dos pontos-chave que essa etiqueta defende é que se deve tentar evitar aborrecer outras pessoas. Esta noção de evitar conflitos ou confrontos é um elemento essencial do uso apropriado da língua, encontrado em quase todos os grupos sociais – e é isso que é geralmente reconhecido como ‘cortesia’<sup>14</sup> (BOWE; MARTIN, 2007, p. 27, destaque no original).

Comumente falando, a referência ao termo *cortesia* geralmente arrasta consigo a ideia de boas maneiras e de boa educação, bem como a de formalidade. Em certo sentido, a utilização que, no contexto intercomunicacional, se faz do termo evoca essas noções mais gerais, mas não se queda por aí. A cortesia deve primordialmente ser entendida como um “contínuo de comunicação apropriada” (BOWE; MARTIN, 2007, p. 26 – o destaque provém do original), pelo que pressupõe a observância de regras linguísticas socialmente determinadas. A isso equivale dizer que uma saudação mais cortês, no sentido mais comum associado a elevados níveis de formalidade, dirigida a um amigo íntimo seria absolutamente desadequada, a não ser enquanto expressão, por exemplo, de ironia. Num contexto como esse, o expectável seria uma saudação marcada por uma cortesia linguisticamente adaptada ao contexto social: uma formulação que demonstrasse a proximidade e intimidade entre os falantes e que descartasse regras rígidas de formalidade. Equivale a isso dizer que cada contexto comunicacional exige uma determinada cortesia, que não necessariamente é caracterizada por altos ou baixos níveis de formalidade.

De tal forma é esse conceito de cortesia determinado pela abordagem da análise do discurso que, no contexto dessa área de estudo, se justifique falar de teorias de cortesia. Brown & Levinson

---

<sup>14</sup> Tradução do original: “One of the key points that this etiquette advice advocates is that one should try to avoid upsetting people. This notion of avoiding conflict or confrontation is an integral element of appropriate language usage, finding its way into the language of almost all social groups – and it is this that is generally recognized as ‘politeness’” (BOWE; MARTIN, 2007, p. 27).

(1987 – publicado originalmente em 1978) propuseram uma das formulações mais influentes, em cujo seio articulam três noções básicas: face, actos ameaçadores de face e sistemas de cortesia. Essas noções, longe de se assumirem como categorias estanques, constituem espaços de múltiplas interpenetrações, pelo que precisam de ser abordadas em conjunto no contexto daquilo que Foley identificou como “uma bateria de competências sociais cujo objectivo é garantir que todos se sintam confiantes numa interacção social”<sup>15</sup> (FOLEY, 1997, p. 22).

Quanto à questão de face, Bowe & Martin (2007, p. 27-28) consideram que

O conceito de face refere-se ao desejo que todas as pessoas têm de manter e defender a sua própria imagem. [...] Face é algo que pode ser perdido, mantido ou melhorado, e qualquer ameaça a ela deve ser continuamente monitorada durante uma interacção. Acredita-se que seja interesse de todos que a face seja mantida.<sup>16</sup>

No trabalho seminal de Brown & Levinson (1987, p. 61), os autores categorizam face de modo positivo ou negativo, mesmo que essa categorização surja numa posição mais ou menos medial num contínuo de cinco diferentes níveis. No seu aspecto positivo, os sistemas de face associam-se a questões do foro do apreço e da aprovação, da auto-estima, enquanto que, pela negativa, os sistemas de face veiculam ideias relacionadas com direitos pessoais, liberdade de acção e rejeição de imposição. Esses dois aspectos dos sistemas de face podem ser resumidos respectivamente pelos termos envolvimento e independência. Quanto a isso, dizem Scollon & Scollon (1995, p. 46):

Por um lado, nas interacções humanas, nós temos a necessidade de estar envolvidos com outros participantes e mostrar-lhes o nosso envolvimento. Por outro lado, nós precisamos manter algum grau de

---

<sup>15</sup> Tradução de: “a battery of social skills whose goal is to ensure everyone feels affirmed in a social interaction” (FOLEY, 1997, p. 22).

<sup>16</sup> Tradução do original: “the concept of face refers to the desire that all people have to maintain and defend their own self-image. [...] Face is something that can be lost, maintained or enhanced, and any threat to face must be continually monitored during an interaction. It is believed to be in everyone’s best interest that face be maintained” (BOWE; MARTIN, 2007, p. 27-28).

independência em relação aos outros participantes e mostrar-lhes que respeitamos a sua independência.<sup>17</sup>

Há efectivamente determinadas interações linguísticas que, constituindo violações do frágil equilíbrio entre envolvimento e independência, podem contribuir para a perda da desejada imagem de subjectividade / alteridade. Actos como pedidos, críticas ou queixas intrinsecamente ameaçam a face dos interlocutores, constituindo-se assim como actos ameaçadores de face. Equivale a isso dizer que efectivamente é possível encontrar interações linguísticas que, pela sua natureza, ameaçam o envolvimento e/ou a independência do(s) interlocutor(es). Determinantes para a face ou para a ameaça desta são as questões relacionadas à apropriação mútua, por parte dos falantes, de critérios de poder, distância e hierarquia. As eventuais conjugações desses elementos, independentemente de se considerar um contexto mono ou multicultural, tornam possível identificar três diferentes sistemas de cortesia: Deferência (menos poder e mais deferência), Solidariedade (menos poder e menos deferência) e Hierarquia (mais poder e mais ou menos deferência) (SCOLLON; SCOLLON, 1995, p. 55).

O palco do teatro social, em que se investe a face, é levantado onde quer que haja gente. Não é, por isso, de espantar que também os produtos literários, fruto desse fenómeno invariavelmente marcado por um grande nexo de alteridade que é a literatura, se assumam como espaço passível de ser utilizado para a construção e reflexão de e sobre sistemas de face. Mantendo em mente as noções de envolvimento e de independência, esses dois grandes aspectos dos sistemas de face, considere-se o excerto de *The Hobbit*, de J. R. R. Tolkien, que seguidamente se reproduz:

Devem ser todos muito corteses quando os apresentar. Vou fazê-lo aos poucos, de dois a dois, acho eu. E devem ser cuidadosos para não o aborrecer, ou só Deus sabe o que pode acontecer. Ele pode ser muito cruel quando está nervoso, apesar de ser muito gentil se estiver

---

<sup>17</sup> Tradução do original: “On one hand, in human interactions, we have a need to be involved with other participants and to show them our involvement. On the other hand, we need to maintain some degree of independence from other participants and to show them that we respect their independence” (SCOLLON; SCOLLON, 1995, p. 46).

bem-humorado. Ainda assim, aviso já que ele fica enraivecido facilmente (TOLKIEN, 1998, p. 146).<sup>18</sup>

Gandalf surge aqui como a voz da sabedoria instrutória e formativa, providenciando para o grupo de anões que se faz acompanhar por Bilbo Baggins, o hobbit, os instrumentos necessários para o sucesso da empresa que estão prestes a iniciar. O feiticeiro instrui e forma os seus companheiros no sentido em que, antes de mais, desperta neles a consciência relativa à necessidade da adopção de comportamentos, atitudes e posturas preservadores da face. Os termos que Gandalf utiliza no seu curso de sobrevivência à apresentação de Beorn, o ser volátil e temível, cioso do seu espaço, em cujas graças é necessário cair, denunciam a, neste caso, imperativa valorização do aspecto da independência. A advertência para serem cuidadosos de modo a não indispor a criatura a que estão prestes a ser apresentados pode bem ser vista como mais do que simples instrução; com estas palavras, o feiticeiro chama a atenção para a necessidade de não se incomodar Beorn, não se impor a ele, não invadir o seu espaço. Garantir a independência é uma forma de assegurar a contenção da energia explosiva que o interlocutor da trupe, esse grupo de actores, detém.

A estratégia da apresentação a conta-gotas, dois a dois, serve também esse propósito de conceder a Beorn, mesmo que ilusoriamente, o direito à sua independência (e o facto de se tratar de um *skin-changer*, de uma criatura humana-animal que vive entre os animais seus companheiros e afastado da civilização, não é senão facto que obriga precisamente ao destaque desse direito) e a satisfação de a ver reconhecida. É imperativo que o grupo mantenha a criatura num estado de aprazimento, efeito para o qual a afirmação da independência de Beorn é fundamental. Já na presença de Beorn, ao apresentar alguns dos anões, Gandalf dirige-se ao anfitrião (se assim se pode chamar) nestes termos: “Espero que os perdoe por estarem a aborrecê-lo”<sup>19</sup>

---

<sup>18</sup> Tradução do original: “You must all be very polite when I introduce you. I shall introduce you slowly, two by two, I think; and you *must* be careful not to annoy him, or heaven knows what will happen. He can be appalling when he is angry, though he is kind enough if humoured. Still I warn you he gets angry easily” (TOLKIEN, 1998, p. 146).

<sup>19</sup> Nossa tradução do original: “I hope you will forgive them for bothering you” (TOLKIEN, 1998, p. 155).

(TOLKIEN, 1998, p. 155), o que reflecte bem o nível de envolvimento que o discurso do feiticeiro projecta. A expressão da esperança conjugada com o reconhecimento da invasão do espaço e da liberdade de Beorn só podem ser compensados outorgando ao interlocutor a liberdade para agir e simultaneamente colocando em evidência estratégias de envolvimento. Naturalmente, para evitar a eventualidade de Beorn ver invadido o seu espaço e ameaçada a sua face, o que traria consequências potencialmente fatais, o grupo tem de assumir uma posição de envolvimento, que se torna mais visível no desenvolvimento da narrativa.

Beorn é avisado pelos seus cavalos da presença de Gandalf e do hobbit na sua propriedade. A narrativa desenvolve-se deste modo:

“Hum, aqui estão eles!”, disse aos cavalos. “Não parecem perigosos. Podem ir!” Ele deu uma gargalhada sonora, colocou o machado no chão e aproximou-se. “Quem são vocês e o que querem?”, perguntou rispidamente [...] (TOLKIEN, 1998, p. 149)<sup>20</sup>.

Beorn não é efectivamente o melhor anfitrião do mundo: antes de mais, emite o que pode ser visto como um som grotesco e revelador de um certo desprezo e indiferença face às visitas inesperadas, o que é reforçado pela avaliação inicial que, em violação das mais elementares regras sociais de boa convivência, faz em voz alta. Os termos que o narrador utiliza para referir o modo discursivo da personagem – “perguntou rispidamente”; “rosnou o homem” – são também reveladores da atitude geral de ofensiva indiferença e indelizadeza, que depressa passam à ridicularização, sugerida pela risada estridente, com certeza decorrente da avaliação que se efectua. O machado que Beorn entretanto pousa – e fá-lo somente após declarar a, de acordo com o seu diagnóstico, fragilidade dos interlocutores – e o facto de avançar em direcção aos estranhos sugerem a criação de um clima de hostilidade. Para além disso, Beorn dirige às suas visitas inesperadas palavras que podem também ser consideradas inesperadas: ao invés de uma expectável saudação de cortesia e de boas-maneyras, que revelasse

---

<sup>20</sup> Tradução do original: “‘Ugh! here they are!’ he said to the horses. ‘They don’t look dangerous. You can be off!’ He laughed a great rolling laugh, put down his axe and came forward. /‘Who are you and what do you want?’ he asked gruffly [...]”. (TOLKIEN, 1998, p. 149).

o interesse de não hostilizar os interlocutores, Beorn recebe o feiticeiro e o seu companheiro com uma questão directa sobre a sua identidade e intenções. O que ressalta deste primeiro encontro é o facto de Beorn claramente exibir pouco interesse ou preocupação quanto à salvaguarda da face dos interlocutores, não recorrendo a estratégias de envolvimento ou de independência relativamente a esses interlocutores. Negando a Gandalf e a Bilbo envolvimento e independência, Beorn evidencia ele próprio uma quase absoluta independência, projectando a sua face no contexto desse critério. Mesmo levando em linha de conta que se acredita ser do interesse dos agentes discursivos que a face de todos os participantes seja mantida, há que considerar o facto de que Gandalf e o hobbit aceitam colocar-se num e submeter-se a um contexto de actos ameaçadores de face, da sua face, deixando-se envolver na relação nos termos do interlocutor. Perante Beorn e a sua expressa independência, aos amigos não resta senão o caminho previamente traçado da aceitação e da submissão, mesmo que subjacente a esse caminho exista um percurso mais ou menos oculto de sagesa. A certa altura, Gandalf diz a Beorn: “Eu ouvi falar de ti, se não ouviste falar de mim; talvez tenhas ouvido falar do meu primo Radagast, que mora perto das fronteiras do sudeste de Mirkwood”<sup>21</sup> (TOLKIEN, 1998, p. 150). O que daqui se destaca é precisamente a atitude de envolvimento a que Gandalf recorre, não impondo a Beorn o que quer que seja, incluindo a certeza referida pelo anfitrião de nunca ter ouvido falar do feiticeiro. A referência ao laço familiar coloca também em evidência a estratégia de envolvimento a que Gandalf recorre. Resumindo, Beorn coloca em marcha actos ameaçadores de face relativamente a Gandalf e a Bilbo, negando-lhes independência e impondo-lhes a sua. Por sua vez, os companheiros, com atitudes de submissão e por meio do discurso do feiticeiro, colocam em evidência o seu envolvimento.

Ainda por responder ficaram as perguntas feitas por Beorn. O silêncio dos amigos poderia efectivamente ter constituído uma opção para lidar com os actos ameaçadores de face a que Beorn recorre, pois a ausência de comunicação poderia servir para marcar a face dos companheiros no contexto da independência. Quanto a este aspecto, há

---

<sup>21</sup> Tradução do original: “I have heard of you, if you have not heard of me; but perhaps you have heard of my good cousin Radagast who lives near the southern borders of Mirkwood?” (TOLKIEN, 1998, p. 150).

que considerar que podemos, de um modo geral, classificar “Silêncio (ou melhor ainda, não-comunicação) no contexto da independência”<sup>22</sup> (SCOLLON; SCOLLON, 1995, p. 49). Mas já se viu que é Beorn que recorre à projecção da face no contexto de independência, fazendo-o, nesse caso específico, por via de actos ameaçadores de face. Enquanto o *skin-changer* procede a todas estas provocações, o que fazem Gandalf e o hobbit? Não fazem praticamente nada além do que Beorn solicita, e ainda aceitam incondicionalmente a exibicionista e grosseira demonstração de poder que Beorn leva a cabo. A atitude de submissão demonstrada pelos companheiros face aos actos ameaçadores de face a que Beorn recorre não é conjugável com silêncio, que é rapidamente preenchido por respostas:

“Eu sou Gandalf”, disse o mágico.

“Nunca ouvi falar dele” rosnou o homem, “E o que é este pequenino?” disse, baixando-se para franzir a testa com as suas grossas sobrancelhas pretas em frente ao hobbit.

Aquele é o senhor Baggins, um hobbit de uma boa família e incontestável reputação”, disse Gandalf. Bilbo curvou-se<sup>23</sup> (TOLKIEN, 1998, p. 150).

Entre Gandalf e Bilbo, é o primeiro dos companheiros que toma a palavra: “I am Gandalf”. A resposta curta do feiticeiro revela a postura deste quanto à sua atitude geral: há que preservar a liberdade de Beorn, não lhe impondo nada, inclusivamente detalhes não solicitados. Querendo, o *skin-changer* poderá ele mesmo solicitar as informações que entender necessárias, o que revela a sagesa de Gandalf em termos da utilização de estratégias de preservação da face do seu interlocutor, respeitando o evidente desejo de independência por parte do outro. As palavras elogiosas que Gandalf utiliza para apresentar o hobbit e o facto daí decorrente de este se curvar perante Beorn também demonstram isso mesmo. A atitude de certo modo

---

<sup>22</sup> Tradução do original: “silence (or better still, non-communication) on the side of independence” (SCOLLON; SCOLLON, 1995, p. 49).

<sup>23</sup> Traduzido do original: “‘I am Gandalf’, said the wizard.

‘Never heard of him’, growled the man, ‘And what’s this little fellow?’ he said, stooping down to frown at the hobbit with his bushy black eyebrows.

‘That is Mr Baggins, a hobbit of good family and unimpeachable reputation’, said Gandalf. Bilbo bowed” (TOLKIEN, 1998, p. 150).

passiva dos dois companheiros, perante a agressividade de Beorn, é previsível nas já referidas instruções prévias que Gandalf tinha fornecido aos elementos do grupo por si encabeçado. Os actos ameaçadores de face a que Beorn recorre e a que Gandalf e Bilbo se sujeitam demonstram o modo de sustentabilidade relacional que se desenvolve entre as personagens. Beorn, num extremo, coloca-se numa posição de independência, autoridade e poder – somente quem tem o poder da autoridade pode afirmar-se independente –, enquanto o feiticeiro e o hobbit se submetem a ele, tacitamente aceitando uma posição de dependência e envolvimento, impotência e deferência. As personagens encontram-se claramente no âmbito de um sistema de cortesia de natureza hierárquica: “Em determinado sistema, os participantes reconhecem e respeitam as diferenças sociais que colocam um em posição superior e o outro em posição inferior”<sup>24</sup> (SCOLLON; SCOLLON, 1995, p. 55). Este sistema caracteriza-se, em primeiro lugar, por uma relação de poder assimétrica: os participantes encontram-se numa situação de posição desigual – Beorn impõe e os companheiros subordinam-se. Por outro lado, o sistema hierárquico pressupõe assimetria no recurso a diferentes estratégias de face: o subordinado recorre a estratégias de face relacionadas à independência (o que é efectivamente feito por Gandalf e seus companheiros); quem impõe recorre a estratégias de envolvimento (o que Beorn, por intermédio do recurso a actos ameaçadores de face, não cumpre).

Na negociação da face, a representação que Gandalf, Bilbo Baggins e os anões levam a cabo tem um público difícil de uma só pessoa: Beorn. A representação da trupe é uma questão de vida ou morte. Os actores, aqueles que, neste caso específico, **agem pelo discurso**, têm sucesso, que se torna mais evidente quando, após muitas peripécias e aventuras, para cujos desfechos parciais positivos muito contribuíu os conselhos amigos de Beorn, acabam por se encontrar no espaço do grande conflito que encerra o romance de Tolkien. A memorável batalha dos companheiros contra os abomináveis Goblins foi ganha pelos primeiros não sem a ajuda dos aliados, entre os quais se incluíu, em posição de destaque, Beorn, que conscientemente se envolveu no conflito em prol daqueles cuja face tinha inicialmente

---

<sup>24</sup> Traduzido do original: “In such a system the participants recognize and respect the social differences that place one in a superordinate position and the other in a subordinate position” (SCOLLON; SCOLLON, 1995, p. 55).

ameaçado. As estratégias de envolvimento a que os companheiros recorreram, mesmo perante os actos ameaçadores de face utilizados por Beorn, essa criatura em quase absoluta independência, produziram elas próprias o envolvimento de tão determinante aliado. Com o conflito resolvido, chega a hora de voltar para casa.

Gandalf e Bilbo cavalgavam atrás do Elvenking, e ao lado deles seguia Beorn, mais uma vez em forma de homem, e ele ria e cantava em voz alta. [...] Era um longo e triste caminho, mas agora que os goblins tinham sido derrotados, a estrada parecia mais segura do que os terríveis trilhos abaixo das copas das árvores. Além disso, Beorn também ia naquela direção (TOLKIEN, 1998, pp. 351-352)<sup>25</sup>.

E assim, na companhia protectora de tão feroz criatura, entretanto conquistada pela sábia aplicação do correcto sistema de cortesia, Bilbo Baggins, contra todas as expectativas, regressa à segurança do lar, à tranquilidade da vida.

## Referências

AUSTIN, John Langshaw. *How to do Things with Words*. Oxford: Oxford University Press, 1962.

BARALDI, Claudio. New forms of intercultural communication in a globalized world. *The International Communication Gazette*, 68(1), 2006. p. 53-69.

BLACKLEDGE, Adrian. *Discourse and Power in a Multilingual World*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2005.

BOWE, Heather; MARTIN, Kylie. *Communication Across Cultures – Mutual Understanding in a Global World*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

---

<sup>25</sup> Tradução do original: “Gandalf and Bilbo rode behind the Elvenking, and beside them strode Beorn, once again in a man’s shape, and he laughed and sang in a loud voice. [...] It was a long and cheerless road, but now that the goblins were crushed, it seemed safer to them than the dreadful pathways under the trees. Moreover Beorn was going that way too” (TOLKIEN, 1998, pp. 351-352).

BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen. *Politeness: Some Universals in Language Usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1978.

CEIA, Carlos. *O que é afinal o Pós-Modernismo?* Lisboa: Edições XXI, 1998.

DUCK, Steve; McMAHAN, David. *The basics of communication: A Relational Perspective*. London: Sage, 2009.

EAKIN, Paul John. *How our lives become stories: Making selves*. Ithaca: Cornell University Press, 1999.

FOLEY, William. *Anthropological linguistics: An Introduction*. Oxford: Blackwell Publishers, 1997.

GIDDENS, Anthony. Viver numa sociedade Pós-tradicional. In: BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott. *Modernização Reflexiva: Política, Tradição e Estética no Mundo Moderno* (Tradução de Maria Amélia Augusto). Oeiras: Celta Editora, 2000.

GOUVEIA, Carlos. *Actos de fala e Parasitismo: Para uma Pragmática da Ficção*. 1992. 233 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Anglo-Americanos – área de Linguística) - Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal, 1992.

GRONN, Peter. Politics, power and the management of schools. In: HOYLE, Eric (Org). *The Management of Schools*. London: Kogan Page, 1986. p. 45-55.

HATIM, Basil. *Communication across cultures*. Exeter: University of Exeter Press, 1997.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. *A Cultura-Mundo*. Resposta a uma Sociedade Desorientada (Tradução de Vítor Silva). Lisboa: Edições 70, 2010.

SCOLLON, Ron; SCOLLON, Suzanne Wong. Interpersonal politeness and Power. In: \_\_\_\_\_. *Intercultural Communication: a discourse approach*. Oxford: Blackwell, 1969. p. 43-59.

SEARLE, John. *Speech Acts*. London: Cambridge University Press, 1969.

\_\_\_\_\_. *Expression and Meaning: Studies in the theory of speech acts*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

TOLKIEN, John Ronald Reuel. *The Hobbit*. London: HarperCollins, 1998.

VAN DIJK, Teun Adrianus. Discourse as interaction in society. In \_\_\_\_\_. (Ed.). *Discourse as social interaction. Discourse studies: A Multidisciplinary Introduction*, Volume 2. London: Sage Publications, 1997. p. 1-37.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tratado Lógico-Filosófico: Investigações Filosóficas* (Tradução de Manuel dos Santos Lourenço). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

*Recebido em 31/07/2011*

*Aceito em 30/09/2011*